



Os constantes engarrafamentos atrasam os ônibus em seus percursos nas ruas de Campina Grande. Para a população, a cidade necessita com urgência de um plano de mobilidade, que resolverá muitos problemas

Mobilidade espera soluções



O trânsito de Campina Grande tem apresentado pontos com elevado nível de congestionamento, principalmente nos horários de pico. Uma das causas é o aumento da frota de veículos na cidade, que hoje ultrapassa os 140 mil, para uma população de quase 400 mil habitantes. Mas o principal problema apontado pela população é a falta de um plano de mobilidade,

ruas esburacadas ou sem calçamento e, para quem depende do transporte público, a ausência de faixas exclusivas para ônibus em vias de maior movimento.

Diariamente, a frota de ônibus da cidade, 220 veículos, transporta uma média de 100 mil passageiros, segundo informou o Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros (Sitrans). A demora no trajeto, devido a inúmeros problemas, é a principal queixa dos usuários do transporte público.

Para Maria Tavares, 28 anos, que mora no Catolé e trabalha em uma loja no centro da cidade, em horário normal o ônibus em que ela trafega todos os dias faz o trajeto em 18 minutos, mas em horário de pico, chega a contabilizar até 30 minutos ou mais.

"O que ajuda no trajeto é a faixa seletiva de ônibus na avenida Canal, mas tirando isso, é congestionamento todo o caminho", afirmou.

Para o diretor institucional do Sitrans, Anchieta Bernardino, todos nós temos que levar em conta a importância do transporte público para deslocamento das pessoas, só assim conseguimos melhorar a qualidade do trânsito da cidade, além da pavimentação em locais que ainda precisam de estrutura.

Como condição urgente, Anchieta defende a implantação de faixas exclusivas para ônibus em vários pontos da cidade. Atualmente, Campina Grande conta com apenas a faixa seletiva na avenida Jiló Guedes (avenida Canal), ligando a Federação das Indústrias

do Estado da Paraíba (Fiep) ao Viaduto Elpídio de Almeida, por uma extensão de três quilômetros. Outra avenida que deverá receber no segundo semestre uma faixa exclusiva para ônibus é a Floriano Peixoto, por nove quilômetros entre a rua Melo Leitão e o Hospital de Trauma de Campina Grande.

Anchieta Bernardino reafirma que o passageiro precisa ter a garantia de que chegará no seu destino no horário programado e sem contratempos toda vez que usar o transporte público do município. E com a preocupação de pensar em propostas e soluções para a mobilidade urbana de Campina Grande, há dois anos é realizado o Seminário Cidade Expressa.

SEMINÁRIO
A segunda edição do even-

to aconteceu em junho deste ano e reuniu autoridades, profissionais e técnicos da área de mobilidade urbana do país para trocar experiências e apontar propostas para que Campina Grande desenvolva soluções visando facilitar o deslocamento das pessoas, por meio motorizado e não motorizado, conforme

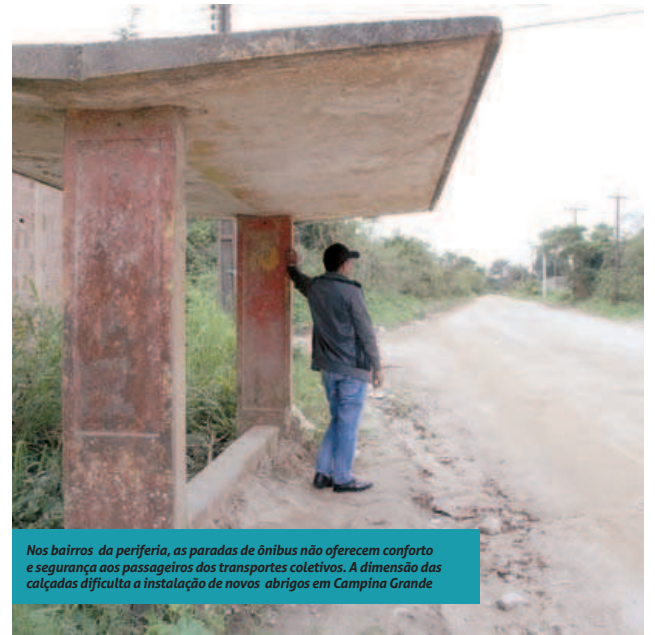
prevê a legislação. E uma solução para melhorar a mobilidade de Campina Grande divulgada no seminário foi a criação da Alça Leste, que fará uma ligação entre a BR-230 (por trás do Garden Hotel) e a avenida Santo Antônio, em direção ao município de Massaranduba.

Linhas Disponíveis

LINHAS INTER ÁREAS:	LINHAS DISTRITAIS
092 - Radial	902 - Estreito
245A/245B - Inter Área	902 - Catolé de Boa Vista
263A/263B - Inter Área	903A - São José da Mata
944 - Distrito Industrial	903B - Mutirão
904 - Distrito Industrial	910 - Jenipapo
945 - Santa Terezinha	910 - Continental Via Cuités
955 - Galante	



Em áreas mais distantes do Centro, os ônibus trafegam por ruas esburacadas ou sem pavimentação - um problema para os motoristas e também para os usuários dos transportes coletivos



Nos bairros da periferia, as paradas de ônibus não oferecem conforto e segurança aos passageiros dos transportes coletivos. A dimensão das calçadas dificulta a instalação de novos abrigos em Campina Grande

Falta de pavimentação e buracos provocam atraso

Os motoristas de ônibus de Campina Grande alegam que a falta de pavimentação e ruas esburacadas são os principais motivos para o atraso do trajeto, além de serem constantes os problemas mecânicos e sujeira acumulada nos veículos. Um dos trechos considerados mais críticos pelos condutores de ônibus é entre os Cuités e Jenipapo, que não tem pavimentação e as ruas são de terra e esburacadas. A gerência de tráfego da em-

presa Viação Cabral, que atende a área dos Cuités e Jenipapo, informou que o atraso no trajeto dos ônibus chega a 20 minutos devido à falta de pavimentação na área.

Todos os dias o pedreiro José Mário, 52 anos, precisa pegar o ônibus dos Cuités até o bairro da Prata, onde trabalha em uma obra. O maior problema apontado por ele é a poeira que ele precisa aguentar enquanto espera o transporte na parada,

além da demora para chegar até o destino final, já que os ônibus precisam ir devagar para fazer o trajeto na via que ainda não recebeu calçamento.

A gerente de Transporte da Superintendência de Trânsito e Transporte Público (STTP), Araci Brasil, disse que o órgão está fazendo um levantamento de todos os locais que precisam de melhorias para uniformizar a malha viária de ônibus da cidade.

Usuários pedem paradas

Além dos inúmeros problemas apontados pela população pelo atraso dos ônibus em Campina Grande, a ausência de paradas de ônibus adequadas, principalmente nos bairros periféricos da cidade, causa transtorno em época de chuva como atualmente, ou no verão com sol forte.

Segundo o presidente do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Trabalhadores em Transporte Urbano de Passageiros, Antonino Macedo, muitas pessoas que necessitam do transporte público sofrem com a falta de pontos de apoio adequados e precisam ficar ao relento esperando o ônibus. Antonino Macedo afirmou

que apenas no centro da cidade é possível encontrar um número maior de paradas de ônibus cobertas e com assentos, mas quando vai para bairros mais distantes, a situação se complica quando o passageiro precisa ficar em pé no sol ou na chuva esperando, muitas vezes em uma calçada sem proteção, pelo transporte.

A gerente de Transporte da STTP, Araci Brasil, informou que a grande dificuldade do órgão é em relação à largura das calçadas, que tem entre 1,80 a dois metros, pois para instalar um abrigo de ônibus coberto é necessário deixar espaço para os pedestres e cadeirantes. "Desde o ano passado, estamos insta-

lando uma média de 40 novos abrigos, entre eles piquetes. Mas também estamos fazendo um estudo para relocação, pois é difícil encontrar calçadas com largura adequada", ressaltou.

A estudante Virna Lins, 23 anos, que mora nas Malvinas e diariamente se desloca até Bodocongó, onde faz faculdade, disse que a parada de ônibus onde ela espera todas as manhãs é apenas um piquete de concreto. "Quando chove ou está fazendo sol forte, ficamos na rua nos protegendo como podemos, à espera do ônibus. É preciso uma atenção maior e mais pontos de apoio adequados em todos os bairros", ressaltou.